

A Plêiade

(1908 - 1958)

Carlos Sá

Os que, em Fortaleza, em setembro de 1908 — já lá se vão cinquenta anos — nos reuníamos para fundar a — Plêiade — não tínhamos outro propósito senão de ligar amigos e companheiros para conversar as cousas que pensávamos ou com que sonhávamos. Não pretendíamos criar uma nova associação literária, nos largos moldes da Academia Cearense ou no modelo mais discreto da "Padaria Espiritual". Não redigimos estatutos, localizando uma sede social, definindo direitos e deveres dos sócios, planejando sessões e assembleias, discriminando disposições particulares ou gerais. Nada de tais complicações pretenciosas. Se tomávamos de empréstimo um nome que se celebrizara nos tempos antigos ou modernos, começávamos desafiando a fatalidade e sendo treze em vez de sete.

Na Plêiade cearense, como em sociedades literárias do tempo, não se procuravam apenas versejadores de sonetos e poemas e escrivinhadores de crônicas e novelas. Se alguns de nós rimávamos as nossas emoções ou contávamos as cousas que se passavam em nosso derredor, outros sabiam apenas conversar ou receber, enquanto poucos eram mestres e muitos discípulos.

Não tínhamos sede fixa: em cada mês nos reuníamos em casa de um dos companheiros, que seria, então, para todos o anfitrião generoso e cordial.

A grande figura do grupo, o maior de todos nós, era Soriano de Albuquerque, o mestre da sociologia patricia, que, muito além da Plêiade, irradiaria o seu talento e o seu prestígio.

A seu lado, ensaiava-se nas letras jurídicas, Manoel Augusto de Oliveira, o advogado incisivo, de palavra ardente e gestos angulosos, que cortavam o espaço violentamente, como, um dia, mais tarde, lhe cortariam a vida. Em cousas de Direito iniciava-se Abner de Vasconcelos, que havia de continuar a tradição humanista do grande educador que foi seu Pai, e brilharia, pelo acêrto das suas decisões num dos mais altos tribunais do país. No estudo, então publicado, sôbre a guerra russo-japonêsa, Hildebrando Acioly era já o internacionalista, cujo *Tratado* faz hoje lei no Brasil e no estrangeiro e cujo *Manual* é manuseado por todos os estudantes de Direito, no Brasil.

Poetas de primeira água eram Alf. Castro, Álvaro Bomílcar e Fiúza de Pontes, o primeiro dos quais, já tendo publicado livro em que rimava os seus sonhos mais altos, enquanto o segundo dedilhava a lira harmoniosa que, um dia, havia de gemer numa dor paterna sem remédio, e o terceiro, Fiúza de Pontes, haveria de dividir o tempo entre a poesia e o Direito.

Sóbrio cronista, Domingos Bonifácio comentava as cousas de Fortaleza daquele tempo, grifando acontecimentos sociais, pondo reticências amáveis onde mais valia calar que referir. Ludgero Feital comentava de outra maneira o que em volta se passava, conversador animado, que dava vida a tudo que estimulava a sua verve inesgotável, na frase curta, ágil, escorreita.

Este outro, Artur Mota, não fazia versos nem escrevia crônicas; a estas, porém, dava uma vida nova na sala de visitas de sua casa da rua General Sampaio, onde sabia receber como ninguém, no encanto da sua hospitalidade. Para os lados de Jacarêcanga, vivia José Silveira, professor de companheiros da *Pléiade* como de amigos outros a quem sonhava ensinar a língua de Goethe, nunca esquecido das terras por onde andara, de que evocava para nós outros as lindas criaturas, de quem dizia uma canção popular:

*"O coração é uma colmeia
As môças nêle abelhas são:
Umam entram e as outras saem,
É uma colmeia o coração".*

O penúltimo do grupo, o mais harmonioso talvez, era aquêlê cujo violino ressoa ainda hoje aos nossos ouvidos como um outro que Verlaine escutava, soluçando nas longas noites outonais... O de Henrique Jorge, entretanto, cantava para nós, os da *Plêiade*, a canção radiosa da primavera.

Já no inverno, quando a tarde anoitece, o derradeiro do grupo, Carlos Sá que, então, se assinava — Lúcio Flávio — vem recordar a *Plêiade*, nestas palavras de tanta saudade.

Reunimo-nos, pela primeira vez, em casa de Alf. Castro, a 18 de setembro, lá na rua Formosa, na pausa da praça do Carmo, em cujos ares vibraram, naquela noite, as harmonias do grande poeta de quem nos orgulhávamos. Outra reunião foi em casa de mestre Antônio Augusto, ali no Outeiro, onde Ábner nos acolhia na varanda interna do solar antigo, abrindo arcada para o jardim florido. No palácio presidencial, Hildebrando Acioly e Carlos Sá, recebíamos uma vez os companheiros a quem ofertávamos, como recordação daquela tertúlia, pequenos volumes de literatura francesa, módicamente adquiridos em livraria muito freqüentada da praça do Ferreira. Terá sido em dezembro a última reunião da *Plêiade*, a que compareceu quem escreve estas linhas. Lá para as bandas da rua do Imperador era a casa de Fiúza de Pontes, o anfitrião gentil daquela noite de festas. Transposto o portão, lanternas suspensas das romanzeiras em flor derramavam sua claridade vacilante no jardim acolhedor. Ao fundo, a casa pequena, com a varanda em cujos arcos se entrelaçava uma trepadeira florida. Dentre as ramas e as flôres, estou ainda a ver surgir, no seu vestido branco, a figura encantadora de Maria Salazar, dona do coração e da casa de Fiúza de Pontes, a cujo amor abençoado seria fiel até à morte e além da morte. Por isso mesmo, no seu túmulo, no cemitério São João Batista, do Rio de Janeiro, cidade onde uma sua filha perpetua o nome do casal amoroso, Mário Linhares, o grande cronista da "Plêiade", fêz gravar em 1945 êste sonêto:

MUSA DE UM POETA

À memória de Maria Salazar Fiúza de Pontes,
que — como Marília de Dirceu — foi a musa de
tôdas as horas do seu inesquecível poeta, Fiúza
de Pontes. Morrendo, dir-se-ia que passou a
viver com êle, além da vida.

*Musa de um grande poeta, sua vida
Foi a sublimação de Arte e Beleza,
Em cuja flama tinha sempre acesa
A alma de tantas ilusões florida.*

*Cedo o poeta morreu. E ela, vencida,
Dês que o levou a morte, de surpresa,
Fechou-se na mais íntima tristeza
Qual no sono da Bela Adormecida.*

*A dor iluminou-a, na secreta
Devoção à memória do seu poeta
Como o sol doura o píncaro dos montes.*

*E, assim, deixando dêste mundo o exílio,
Foi no céu continuar o seu idílio
Maria Salazar Fiúza de Pontes.*

Tirante o formoso sonêto de Mário Linhares, estas evoca-
ções foram escritas apenas de memória, chama que vacila antes
de se apagar na noite próxima.

É, porém, com a mais viva saudade que estas páginas se
desfolham sôbre as campas dos nossos companheiros sempre
lembrados.

Rio, agosto — 1958.